

142-89 111-707

SERMAO, QUE NAS EXEQUIAS DO SERENISSIMO SENHOR INFANTE **D. FRANCISCO**

Prégou no Real Convento de Thomar da Ordem de N. Senhor Jesus Christo em 14.
de Agosto de 1742.

O MUITO REVERENDO PADRE MESTRE
F. CHRISTOVAO
DE MONCADA,

Religioso da mesma Ordem, Lente Jubilado na Sagrada Theologia, e Reitor do Seminario do Real Convento de Thomar.

Dedicado por seu mesmo Author
AO MUITO REVERENDO PADRE MESTRE
F. BERNARDO
DE MELLO,
Presidente Geral da Ordem de Christo, e Superior do Real Convento de Thomar.



LISBOA.

Na Officina de MIGUEL MANESCAL DA COSTA;
Impressor do Santo Officio.

Anno M. DCC. XLII.

Com todas as licenças necessárias.

О Н Е С Т Р

О Н Е С Т Р

О Н Е С Т Р

О Н Е С Т Р

О Н Е С Т Р

О Н Е С Т Р

О Н Е С Т Р

О Н Е С Т Р

О Н Е С Т Р

О Н Е С Т Р

О Н Е С Т Р

О Н Е С Т Р

О Н Е С Т Р

О Н Е С Т Р

О Н Е С Т Р

О Н Е С Т Р

О Н Е С Т Р

О Н Е С Т Р

О Н Е С Т Р

L I C E N C A S.

DO SANTO OFFICIO.

EMINENTISSIMO, E REVERENDISSIMO SENHOR.

NAõ acho cousa alguma , que se oppo-
nha à nossa Santa Fé , ou bons costu-
mes neste Sermaõ prégado pelo R. P. M. Fr.
Christovaõ de Moncada nas Exequias do Se-
renissimo Senhor Infante D. Francisco ; antes
está taõ conforme às regras da Oratoria Christã
com a intelligencia das Escrituras , que lhe dá
o commum dos Expositores , que em tudo a-
credita o Orador o seu talento , e illustra a
Religiosa Familia da Ordem de nosso Senhor
Jesus Christo , de que he filho benemerito ;
em cujos termos me parece merecedor da li-
cença , que pede para estampar este Sermaõ ,
sendo V. Eminencia Reverendissima assim ser-
vido. Convento de S. Francisco da Cidade de
Lisboa , o primeiro de Outubro de 1742.

Fr. Philippe da Conceição.

VIsta a informaçao , pôde-se imprimir o
Sermaõ , que se apresenta ; e depois de
impresso tornará para se conferir , e dar licen-
ça que corra , sem a qual naõ correrá. Lis-
boa , 2. de Outubro de 1742.

Teixeira. Silva. Soares. Abreu. Amaral.

DO ORDINARIO.

ILLUSTRISSIMO SENHOR.

Por ordem de V. Senhoria vi o Sermaõ ,
que nas Exequias do Serenissimo Senhor
Infante D. Francisco , celebradas no Real Con-
vento de Thomar , prégou o M. R. P. M. Fr.
Christovaõ de Moncada , Religioso da Militar
Ordem de Christ , Lente jubilado na Sagra-
da Theologia , e Reitor do Seminario da mes-
ma Real Casa ; e naõ achando nelle coufa al-
guma contra a Fé , ou bons costumes , me
parece que se deve imprimir. Nelle se vê a
natural idéa do discurso , porque nada he taõ
proprio como sentir hum Irmaõ a morte de
outro Irmaõ ; o que o Prégador mostra com
aquellas razões , que daõ a conhecer a gran-
deza da perda , descubertas , e achadas pela
douta especulaçao do seu juizo : e juntamente
se vê o como aquella Real Familia sabe des-
empenhar a sua obrigaçao no obsequio dos
Principes , que a natureza fez netos do seu
Real Fundador. Lisboa , nesta Casa de N. Se-
nhora da Divina Providencia de Clerigos Re-
gulares , 20. de Outubro de 1742.

D. Jozé Barboza C. R.

Vista

3
H10

VIsta a informaçāo , se pōde imprimir ; e
depois de impresso torne para se confe-
rir , e dar licença para correr , sem a qual naō
correrá. Lisboa , 20. de Outubro de 1747.

Faculdade de Filosofia

Ciências e Letras

Biblioteca Central

Sylveira.

D O P A C, O.

S E N H O R,

Por ordem de V. Magestade vi o Sermaō,
que nas Exequias do Serenissimo Senhor
Infante D. Francisco , celebradas no Real Con-
vento de Thomar , prégou o M. R. P. M. Fr.
Christovaō de Moncada , Religioso da Ordem
de Christo , Lente jubilado na Sagrada Theo-
logia , e Reitor do Seminario do mesmo Con-
vento : nelle naō achey coufa alguma , que
encontre o Real serviço de V. Magestade , vejo
sim nelle retratadas muito ao natural as sin-
gularissimas prendas do Serenissimo Senhor In-
fante ; e se os retratos saõ efficaz lenitivo da
dor , occasionada da ausencia do que se perde ,
neste Sermaō nos dá o seu Author efficaz re-
medio para as nossas magoas , pois nos imme-
taliza o Serenissimo Senhor Infante : he o que
sentio Alexandre Magno , que vendo-te retra-
tado ao natural , disse naō temia a morte , pois
o seu

o seu retrato o immortalizava ; e sendo retrato
he juntamente despertador , pois lendo este
Sermaõ emulem os animos presentes a fideli-
dade , e amor , que seus passados mostráraõ
deixar-lhes por exemplo. Este he o meu pa-
recer. Lisboa , Convento de São Domingos ,
aos 2. de Novembro de 1742.

Fr. Joaõ Bautista.

Que se possa imprimir vistas as licenças
do Santo Offício , e Ordinario ; e depois
de impresso tornará à Meza para se con-
ferir , e dar licença para que corra , que sem
ella naõ correrá. Lisboa , 3. de Novembro de
1742.

Teixeira. Vaz de Carvalho.

Doleo



Doleo super te frater mi. Ex 2. Reg. cap. i.



TI, ò nocturno labyrintho
de estrellas. (Serenissimo Se-
nhor , a cujas augustas cin-
zas a mesma veneraçāo , que
me dobra os joelhos para o
seu culto , me faz abrir os olhos para o
meu desengano : *Omnis morimur.*) A ti, ò
nocturno labyrintho de estrellas ; a ti, ò
palpitante Babylonia de luzes ; a ti, ò ele-
vado manancial de lagrymas , pede neste
dia assombrada a minha razaō , e supplica
nesta hora confuso o meu temor , que me
digas , que me exponhas , e que me decla-
res, de quem saõ as Regias cinzas , que com-
passivo recatas aos nossos olhos , e que ty-
ranno manifestas aos nossos discursos ; que
compassivo recatas aos nossos olhos , para
que sejaõ menos evidentes as nossas per-
das ; e que tyranno manifestas aos nossos
dif-

2. Reg.
14.v.14.

discursos, para que sejaõ mais ponderaveis
as nossas ruinas.

2. Reg.
I. 26.

Ovid.

Se consulto as letras do meu thema , já
vês que me diz o thema com o luto das
suas letras , que estas Regias cinzas saõ rui-
nas de hum Irmaõ del Rey de Israel : *Doleo super te frater mi Jonatha* ; e se atten-
do ao clamor dos sinos , já sabes que me
respondem esses bronzes com o seu cla-
mor , que estas Regias cinzas saõ reliquias
de hum Irmaõ del Rey de Portugal. E que
me dizes tu com as vozes das tuas lagry-
mas , pois em semelhantes casos , ou occa-
sos tambem as lagrymas saõ vozes : *Inter-
dum lachrymæ pondera vocis habent* ? Mas
já vejo que me dizes , que com os olhos
naquelle ruina dê eu por evidente a nossa
perda ; e já ouço que me respondes , que
pela ruina , que chora El Rey David , regule
eu a perda , de que se lastima , e tanto se
lastima o nosso Augustissimo Rey : *Doleo
super te frater mi.*

I. Mac.
I. v. 42.

Gen. 42.
v. 38.

Basta , basta. Logo já S. Alteza espi-
rou ? Sim ; já espirou S. Alteza : *Sublimi-
tas ejus conversa est in luctum*. Logo já mor-
reo o Irmaõ del Rey ? Sim ; já a El Rey
morreo o seu immediato Irmaõ : *Mortuus
est*

est frater ejus. Mas oh Ceo ! E se quizera
hoje a vossa cõmiseraçāo que havendo en-
tre El Rey de Israel , e El Rey de Portugal
a mais estreita semelhança em quanto às
Monarquias , em quanto às armas , e em
quanto às prendas , naõ houvesse entre hum,
e outro Rey a menor analogia em quanto
à razaõ das penas , em quanto ao motivo
das magoas , e em quanto ao incentivo das
dores : *Doleo super te frater mi!* Ha entre
El Rey de Portugal , e El Rey de Israel a
mais estreita semelhança em quanto às Ma-
gestades ; porque se El Rey de Israel foy hum
Monarca , a quem Deos fez Rey : *Consti-*
tutus sum Rex ab eo , tambem o Monarca
de Portugal he hum Rey , a quem o mes-
mo Deos fez Monarca : *Volo in te , & in*
semine tuo Imperium mibi stabilire. Ha tam-
bem entre estes Reys a mais estreita seme-
lhança em quanto às armas ; porque se El-
Rey David tinha por armas as cinco Cha-
gas , figuradas nas suas cinco mysteriosas
pedras : *Quinque David lapides erant quin-*
que Christi plagæ , tambem El Rey D. Joaõ
tem por armas as mesmas cinco Chagas ,
explicadas em as suas sagradas quinas. Se
El Rey David tinha por armas a Cruz , fi-

2. Reg:
1. 26.

Psalm:
2. 6.

Vieira:

I. Reg.
17. 40.

gurada no seu baculo: *Quem semper habebat in manibus*, tambem El Rey de Portugal tem por armas o lenho, e final da Cruz: *In hoc signo vinces.*

Camões
Lusiad.

*No qual nos deo por armas, e deixou
As que elle para si na Cruz tomou.*

Psalm.
21. 15.

Ha finalmente a mais estreita semelhança entre estes dous Monarcas em quanto às prendas (e aqui, ò inepta, e tosca lingua, has de clausurar o mar em huma concha;) porque se David era hum Rey, que tendo hum coraçao de cera: *Factum est cor meum tanquam cera*, tinha huns braços de bronze:

Psalm.
17. 35.

tambem El Rey D. Joaõ he hum Rey, que tendo huns braços de bronze, tem hum coraçao de cera: hum coraçao de cera pela brandura, com que trata aos seus vassallos; e huns braços de bronze pela fortaleza, com que triunfa de seus inimigos; e se naõ, dize-o tu, ò India, edize, se là nesse Oriente do Sol foy o bronze de Portugal hum rayo, e hum trovaõ, que te deo a conhecer, e a sentir a fortaleza do braço do noslo Rey.

Ha tambem entre El Rey David, e o Serenissimo Rey D. Joaõ a mais estreita se-

me-

melhança em quanto às prendas ; porque se David era hum Rey taõ pio , e taõ religioso , que ao Corpo de Deos , figurado em a Arca do Testamento , fazia huma Procissão muito solemne : *David, & omnis domus Israel ducebant Arcam Testamenti Domini in jubilo , & in clangore buccinæ ,* ElRey D. Joaõ he hum Rey taõ religioso, e taõ pio , que ao Corpo de Deos em o Sacramento do Altar faz todos os annos a mais solemne Procissão. Se ElRey David era hum Rey taõ religioso , e taõ pio , que em a Sagrada poezia dos Psalmos exercitava grande parte dos seus estudos : *Stare fecit Cantores contra Altare , & in sono eorum dulces fecit modos ,* ElRey D. Joaõ em a Ecclesiastica composição dos Coros he que occupa naõ pequena parte dos seus cuidados. Em sim se David era hum Rey taõ prudente , e taõ politico , que para seus Ministros escolhia os maiores talentos , como o testemunha hum Cusay , e hum A quitofel , ElRey de Portugal he taõ politico , e prudente , que elegeo os maiores talentos para seus Ministros ; e se naõ , dize-o tu , ò Mitra de Lamego , Fenix morta em hum Doutor nosso , e renascida em

2. Reg:
6. 15.

Eccles.
47. II.

outro nôsso Doutor ; para aquelle , que te aceitou , mitra , porque o sinalastes Bispo; e para este , que te repelio , tiara , porque o sinalas Padre Santo.

2. Reg.

^{1. 26.} Mas sendo estes douis Monarcas taõ semelhantes nas prendas , ainda no motivo das penas naõ saõ menos semelhantes ; e se naõ , dizey-me vós , ò egregio David , e dizey-me tambem vós , ò magnanimo Joaõ , que he o que sentis , que he o que chorais , e que he o que padeceis ? Eu , diz David , sinto , choro , e padeço a morte de meu Irmaõ Jonathas : *Doleo super te frater mi Jonatha.* Eu , diz ElRey D. Joaõ , padeço , choro , e sinto a morte de D. Francisco meu Irmaõ : *Doleo super te frater mi.* Grande deve ser a perda , que sentis nesta morte , que chorais ; pois naõ vos cabendo a dor no coraçaõ , là se nos faz perceptivel pelas suas , e vossas expressões essa dor : *Doleo!* Sim ; he taõ grande a minha perda , diz hum , e outro Rey , ElRey David , e ElRey D. Joaõ ; mas ouçamos ao Senhor D. Joaõ , que he o mesmo que ouvirmos a David : he pois a minha perda taõ grande , que na morte de Jonathas (naõ digo bem) que na morte de D. Francisco perco

perco não menos que hum Irmaõ Infante,
e o primeiro Infante: *Tu regnabis super Is-*
rael, & ego ero tibi secundus: perco não
menos que hum Irmaõ valeroſo, e mais
que valeroſo: *Saul, & Jonathas leonibus*
fortiores: em fim perco não menos que hum
Irmaõ amigo, hum amigo d'alma, hum
fidelíſſimo amigo: *Dilexit eum Jonathas*
quasi animam suam. Esta poſs he a minha
perda; mas por iſlo tambem he esta a mi-
nha dor: a perda he taõ grande, que de
hum só golpe me leva, ou me rouba em
D. Francisco a morte hum Irmaõ amigo,
hum Irmaõ valeroſo, e hum Irmaõ Infan-
te; e daqui o que se me segue he, que na
morte deste Irmaõ Infante, em quanto In-
fante, ſinta eu ultrajada a purpura do meu
ſangue; na morte deste valeroſo Irmaõ,
em quanto valeroſo, reconheça eu enfra-
quecida a forteza do meu braço; e na
morte deste amigo Irmaõ, em quanto ami-
go, chore eu extincta a redamação do meu
peito; e assim correspondendo a dor à per-
da, que muito he que não cabendo a per-
da, como creyo, no coraçāo de todo o
meu Reino, não caiba tambem a doi no
coraçāo deste seu Rey; e eis-ahi porque
desde

1. Reg.

23. 17.

2. Reg.

1. 23.

1. Reg.

18. 1.

desde o coração tanto se me explica pela voz esta cruel , esta tyrana , esta triplicada dor : *Doleo super te frater mi.*

2. Reg.
1. 26.

Senhor , lembrado estou de ler em o Oraculo do Pulpito , que quem muito ama, até perigos impossiveis teme : *Qui ardentiūs diligit , adhuc impossibilia timet ;* e vendo-vos eu hoje sobre tão pouco melhordo tão afflictamente saudoso , claro está que amando-vos muito , hey de temer não pouco : hey de temer que seja a dor , que padecéis na morte de vossa Serenissimo Irmão , mais executiva em vós , do que o foy em David ; pois na morte de Jonathas este grande Rey não tinha outra afflictão , que se complicasse com a sua dor ; e assim já que as sombras do meu temor não me chegam a apagar a luz da razão , hey de ver se prevalecendo a minha razão contra o nosso temor , posso fazer que não seja em vós mais efficaz a vossa pena , do que foy em David a sua magoa , por mais que huma , e outra convenhão tanto entre si , que quasi não tenhão a menor distinção , ou em quanto aos motivos , ou em quanto aos sujeitos ; em quanto aos sujeitos , porque as padecem El Rey David , e El Rey D. João;

e em

e em quanto aos motivos , porque assim hum , como cutro Rey sentem na morte de hum Irmão em huma perda trez perdidas ; vós , e David a perda de hum Irmão Infante , e o primeiro Infante : *Tu regnabis super Israel , & ego ero tibi secundus* ; vós , e David a perda de hum Irmão valeroso , e mais que valeroso : *Saul , & Jonathas leonibus fortiores* ; em fim David , e vós a perda de hum Irmão amigo , e cordeal amigo : *Dilexit eum Jonathas quasi animam suam : Doleo super te frater mi.*

1. Reg.
23. 17.

2. Reg.
1. 23.

1. Reg.
18. 1.

PRIMEIRO PONTO.

LAstima-se , doe-se , afflige-se Sua Magestade na morte do Senhor Infante D. Francisco. E porque ? Porque nesta morte presume duas vezes profanada a sua pessoa : huma no sangue da purpura , outra na purpura do sangue : huma no sangue da purpura por parte da Magestade , vendo no Senhor D. Francisco morto hum Irmão ; que era Infante ; e outra na purpura do sangue , contemplando em o mesmo Senhor morto hum Infante , que era seu Irmão. E vendo acabar na sua companhia

este

este Irmão , e este Infante , que razão ha de persuadir ao nosso temor , que o mesmo golpe , com que a morte tirou a vida a este Irmão delRey , não a tirou tambem , e vay tirando a qualquer outro de seus Regios Irmãos ?

Logo que Absalão foy o Caim de Amon , chegou esta noticia aos ouvidos delRey David , dizendo , que erão mortos todos os filhos delRey : *Fama pervenit ad David , dicens : Percussit Absalon omnes filios Regis , & non remansit ex eis saltem unus.* Quiz Jonadab , sobrinho do mesmo David , desmentir esta noticia , e noto que para persuadir que só Amon era o morto , não só empenhou na persuaſão huma , e outra vez a voz : *Solus Amon mortuus est ..*
 & 33. *Solus Amon mortuus est , senão tambem a demonstraçao : Ecce filii Regis adsunt juxta verbum servi tui.* E pois valha-me Deos , e tão pouca authoridade tem hum sobrinho delRey para desmentir aquella noticia , e tão difficult he de se aceitar esta verdade , que para se aceitar huma , e desmentir outra não baste huma , e outra persuaſão da voz , mas que ainda seja precisa a evidencia da demonstraçao : *Ecce filii Regis*

gis adsunt: ecce? Naõ baste, torno a dizer, a fé, ou a opinião dos ouvidos, senão tambem que seja precisa a evidencia, e exame dos olhos: *Ecce adsunt?* Com muita razaõ. Todos os filhos de David eraõ Irmãos de Amon, eraõ pessoas Reaes: *Ecce filii Regis;* em fim eraõ filhos de David, que se naõ era o segundo dos Pedros de Portugal, era o segundo dos Reys de Israel: sabia-se que naquelle dia morrera em Amon hum Infante seu Irmaõ, e o primeiro Infante; e he taõ difícil de se assenttar, que a morte, que tirou a vida a hum, naõ privou tambem da vida aos mais, que para se persuadir esta proposição naõ basta a opinião, ou a fé dos ouvidos, mas he tambem precisa a demonstração dos olhos; naõ basta que este sistema, para que se crea, se diga, mas he preciso que, para que se abrace, se veja: *Ecce filii Regis adsunt: juxta verbum servi tui.*

2. Reg.
13. 35.

Nem faz que contra a conjectura do nosso receyo saya a campo o antigo Proloquio, dizendo a todo o Portugal, a toda a Europa, e ao mundo todo: *Ab affuetis non fit passio,* isto he, que estando El-Rey, que Deos guarde, costumado a estas

penas , já naõ estranhará a presente amargura. E porque ? Porque este golpe fere-o de mais perto que os outros golpes ; este eclypse assombra-o de menos distancia que os outros eclypses. Day-me attenção. No firmamento do Palacio apagou a morte aquellas duas Estrellas , por quem chora sem luz a nossa Lusitania , e suspira sem dita a nossa saudade : a primeira em a Senhora Dona Teresa , e he certo que naõ morreo S. Magestade , vendo em sua companhia apagar-se esta luz , e cahir esta Estrella : a segunda em a Senhora Dona Francisca , e he evidente tambem que ElRey não morreo , vendo na sua companhia cahir esta Estrella , e apagar-se esta luz. Oh memoria ! E para que nos fazes presente esta formosura , se por mais que as tuas especies a finjaõ com alma , sempre as nossas experiencias a haõ de chorar sem vida ?

Eclypse hoje finalmente a morte em o Senhor Dom Francisco aquelle segundo , e grande Planeta de todo este Reino , e naõ podemos com especial razaõ temer que se eclypse mortalmente o nosso Sol com a morte deste Planeta , ou deste Irmaõ , ainda que naõ imitasse nas suas ruinas aquellas

las duas Estrellas , aquellas suas bellissimas Irmãs ? Sim. E porque ? Ora deixay-me explicar assim. Porque a morte em aquellas duas Irmãs , ou duas Estrellas profanou-lhe a Magestade em maior distancia ; e neste Planeta atreve-se à Soberania com mais propinquidade ; porque no Senhor D. Francisco , neste segundo Planeta , tinha o seu primeiro Irmao , depois de si , o nosso Sol ; tinha o nosso Sol hum Planeta , que sahio à luz do mundo logo depois que o mesmo Sol sahio em o mundo à mesma luz :

*O que a Joaõ seguir no nascimento ,
Hum Francisco ha de ser , q em tenros annos
Mostrará no valor o raro alento
De seus progenitores Soberanos.*

Tojal
no Poe-
ma de
Carlos
Reduzi-
do.

E supposta esta aproximaçao em o nascimento , quem os não temerá Irmãos no eclypse ? Vamos à Escritura. No ultimo dia , diz o Euangelista , que a Lua se ha de eclypsar , que o Sol se ha de escurecer , e que as Estrellas haõ de cahir : *Sol obscurabitur , & Luna non dabit lumen suum , & Stellæ cadent de Cœlo.* E bem. E porque não se ha de irmanar o Sol com as Estrellas , cahindo como as Estrellas : *Stellæ cadent ,* e ha de irmanar-se com a L'ra , eclyp-

Matth.
24. 29.

sando-se como a Lua: *Sol obscurabitur, & Luna non dabit lumen suum?* Esperay. Assim o Sol como a Lua, sendo todos huns individuos Lusitanos, saõ irmãos das Estrellas, e taõ irmãos, que nenhum delles tem outro pay mais que Deos, nenhum delles tem mais pay que o Pay das luzes:

Jacob.
I. 17.

Descendens à patre luminum; porque só o Pay das luzes, só Deos, a quem David chamou pedra: *Dominus petra mea,* he que

Genes.
I. 16.

he seu Pay: *Fecit Deus duo luminaria magna, luminare maius, ut præcesset diei, & luminare minus, ut præcesset nocti, & stellas.* E pois se o Sol he irmão das Estrellas, e da

Matth.
24. 29.

Lua, porque naõ imitando as Estrellas nas quédas, ha de irmanar-se com a Lua nos eclypses: *Sol obscurabitur, & Luna non dabit lumen suum?*

Dizey-me: Quando em ordem aos olhos do Mundo sahio à luz o Sol, a Lua, e as Estrellas? O Sol he certo que sahio à luz do Mundo primeiro que a Lua, e que as Estrellas; e a Lua he sem duvida que sahio à luz primeiro que as Estrellas, e logo immediatamente depois do Sol: *Luminare maius, ut præcesset diei, luminare minus, ut præcesset nocti, & stellas.* Pois eis-ahi perque o Sol se irmana mais com o

Pla-

Planeta menor , que se eclypsa , do que com as Estrellas , que cahem : *Sol obscurabitur , Luna non dabit lumen suum , Stellæ cadent de Cœlo.* Aqui todo o accommodar parece repetir. Jà sabeis , Senhores , que em a esfera da nossa Lusitania a luz , e o Planeta mayor he o Lusitano Joaõ ; mayor em quanto Joaõ : *Non surrexit maior Joanne* ; e Planeta , e luz em quanto Lusitano : *Luminare* : a luz , ou o Planeta menor he o Infante D. Francisco ; mas se menor (deixay-mo assim dizer) em quanto Francisco , em quanto Lusitano taõ grande Planeta , que na esfera da Lusitania , ou da luz podia compôr hum *duo sem dissonancia* com o mesmo Sol : *Fecit Deus duo luminaria magna* : e as Estrellas saõ os mais Irmãos Lusitanos , que sahiraõ à luz do Mundo depois da Lua , e do Sol , depois do menor Planeta , e do Planeta mayor , em fim depois del Rey D. Joaõ , e do Senhor Infante D. Francisco. Logo sendo isto assim , porque não ha de conjecturar o nosso temor , que ainda que o nosso Sol não se irmanasse com as Estrellas nas quédas , deixará de se irmanar com o Planeta menor nos eclypses , sendo o Planeta menor

Matth.
11. 11.

o Se-

o Senhor Infante D. Francisco , que sahio
 à luz do Mundo logo depois que o Plane-
 ta mayor , logo depois que o Senhor Rey
 Matth. D. Joaõ sahio em o Mundo à luz : *Sol ob-*
 24. 29. *scurabitur , & Luna non dabit lumen suum ,*
 Genes. *Stellæ cadent de Cœlo : Fecit Deus luminare*
 1. 16. *maius . . . & luminare minus . . . & stellas.*

Esta he , Senhores , a razaõ do nosso
 temor ; mas o certo he que o nosso temor
 naõ terá muita razaõ ; porque taõ longe
 esteve a morte de profanar a regalia da
 Magestade no eclypse de Sua Alteza , que
 antes trasladando-o (como logo direy) que
 antes trasladando-o da esfera Lusitana a
 essa mais que luzida , e luminosa esfera ,
 vejo a igualar em a regalia com Sua Ma-
 gestade a S. Alteza , que esta he não me-
 nos a igualdade , que consegue hum Re-
 gio Irmão , se chegou a ter estrella na co-
 roa do Ceo.

Figurando-se aquelles Regios Irmãos ,
 os filhos de Israel , nas pedras preciosas da
 Exod. estidura de Arão : *Ponesque in eo quatuor*
 28. 17. *ordines lapidum ; in primo versu erit lapis*
sardius , & topazius , & smaragdus ; e figu-
rando-se tambem , como quer o commun-
dos Doutor , em as estrellas daquelle gran-
de

de enigma , que vio S. Joaõ no Apocalypse : *Signum magnum apparuit in Cœlo .. & in capite ejus corona stellarum duodecim*, reparo eu não tanto em que os Irmãos , que na vestidura de Araõ saõ pedras , ainda que preciosas , sejão na coroa daquelle enigma estrellas soberanas , quanto em que na vestidura de Arão , figurados em as pedras , tenhão estes Regios Irmãos duas distinções , huma no ser , outra no lugar , e figurados nas estrellas da coroa daquelle enigma nenhuma distinção tem nem em quanto ao lugar , nem em quanto ao ser : em as pedras tem distinção em quanto ao ser , porque a primeira he sardio , ou rubi , pedra , que se veste de purpura ; e a segunda he topazio , pedra , que se veste de cor pallida , cor da morte : *Pallida mors* : e em quanto ao lugar , porque o rubi está anteposto ao topazio , e o topazio posposto ao rubi : *In primo versu erit lapis sardius , & topazius , &c.* e nas estrellas da coroa não tem nem distinção em quanto ao ser , nem em quanto ao lugar ; porque na coroa daquelle enigma assim o rubi , como o topazio ambos estão transformados em estrellas ; e nem o rubi está , em quanto estrella , anteposto

Apocal.
12. 1.

Hic Ca-
stilh. de
Vestibus

Horat.

ao

co topazio , nem o topazio , transformado em estrella , está posposto ao rubi : *In capite ejus corona stellarum.* E pois qual será ao nosso intento a mayor razão , por que estes Regios Irmãos em a vestidura tem tanta distinção , e em a coroa tem tanta igualdade ?

Ora com huma pergunta vos quero dar a resposta. Dizey-me : As pedras onde tem a sua existencia , ainda que sejão as mais preciosas ? Na terra. E as estrellas onde tem a sua morada , ainda as menos soberanas ? No Ceo ; e por sinal que estes Irmãos , figurados nas estrellas , aparecião no Ceo : *Signum magnum apparuit in Cœlo* , e figurados nas pedras estavão na terra , que atè este significado se acha em Arão , como a vossa curiosidade o pôde ler em a Biblia : *Aram , id est , mons , sive montanus.* Pois eis-ahi porque o Irmão , que na terra he topazio posposto ao rubi , no Ceo sen-
do estrella o rubi , e fendo estrella o to-
pazio , nem tem distinção no ser , nem des-
igualdade no lugar ; porque ao menos em
ordem a nós , nem a estrella , que foy to-
pazio vestido da pallidez da morte , se pos-
põe à estrella , que he ubi vestido do san-
gue

gue da purpura , nem o rubi , que he estrella , se antepõe à estrella , que soy topazio : *In capite ejus corona stellarum duodecim* : *In primo versu erit lapis sardius , & topazius* : e notay de caminho , e muito ao nosso intento , que o Irmaõ , que he rubi em a terra , naõ tem mais gala que huma purpura caduca ; e o Irmaõ , que he estrella em o Ceo , naõ tem menos esfera que huma coroa eterna , como o prova , ainda que em cifra , a esfera da mesma coroa : *In capite ejus corona stellarum.*

Sim. Mas quem nos prova ou por parte da nossa conjectura , ou por parte da nossa piedade , que o Senhor Infante , que naõ tem de filho de Israel mais que o ser gerado por hum pay , que ha perto de quarenta annos está , como piamente se crê , vendo a Deos : *Israel , id est , videns Deum* , tem Ind. Bib. passado já por meyo da morte da terra ao Ceo , de topazio a estrella , e de Alteza a Magestade ? Quem ? As ultimas acções da sua vida ; porque das mais acções o mesmo descuido , que as negou à minha noticia , tambem as retirou à minha ponderaçāo .

Deo o fatal estupor em Sua Magestade
(e naõ sey como por atrever-se a tanta Ma-

gestade naõ chegou a paſmar-se de si o mesmo estupor) e achando-se El Rey nosso Senhor entre aquellas calamidades , e miseras , de que ainda naõ convalesceo o nosso fusto , e leva muito mal o nosso ſoffrimento ; entre as calamidades , e miseras de enfermo , ſendo quaſi mortal a ſua enfermidade ; entre as calamidades , e miseras de prezo , ſem ter liberdade para mover hum pé , nem huma maõ ; entre as miseras , e calamidades de peregrino , fahindo por força da ſua doença da Corte de Lisboa até às Caldas da Rainha ; e naõ lhe affiſtio ſeu Irmaõ o Senhor D. Francisco com fraternal affecto em todas estas miseras , e calamidades ? He ſem queſtaõ que lhe affiſtio. Pois eis-ahi porque por meyo da morte este Regio Irmaõ del Rey nosso Senhor paſſou naõ digo eu de ser Infante a ser Principe , porque iſto naõ era igualarſe a Alteza com a Mageſtade ; mas de ier Infante a ser Rey , porque affim he que fez igual com o rubi o topazio , e com a Mageſtade a Alteza.

Entaõ dirá (diz Christo em o cap. 25. de S. Mattheus na parabola do dia do Juizo) entaõ dirá El Rey àquelles , que tiver à ſua

à sua maõ direita , estas palavras : *Venite benedicti Patris mei , possidete paratum vobis Regnum.* Antes que entre o meu discurso a fazer hum reparo neste Texto , hey de fazer neste primeiro este supposto ; e vem a ser , que aonde a nossa vulgata lê *Venite benedicti Patris mei* , lê S. Valerio , a quem neste lugar refere o Sylveira : *Venite filii Patris mei* , que he o mesmo , que se o Rey disserra : *Vinde Infantes meus Irmãos ; meus Irmãos* , porque filhos do mesmo Pay ; e *Infantes* , porque Irmãos de mim El Rey : *Tunc dicet Rex.* *Vinde pois a ver , a gozar , a metter-vos de posse do vosso Reino.* Do vosso Reino ? Aqui o meu reparo. Em Deos assim como ha Reino : *Adveniat Regnum tuum* , tambem ha Principado : *Factus est Principatus super humerum ejus.* E pois por- que naõ diz o Rey : *Vinde Infantes meus Irmãos : Venite filii Patris mei* , tomar posse do vosso Principado , senaõ do vosso Reino ?

Ora dizey-me duas couzas : a primeira , que dominio se explica com o nome de Reino , e com o nome de Principado ? E a segunda , que acçao , e que obsequio tinhaõ feito estes Irmãos Infantes àquelle Rey seu Irmaõ ? Com o nome de Principado dir-

Matth.
25. 34.

Matth.
25. 34.

Matth.
6. 10.

Isai.9.6.

me-heis que naõ se explica dominio , que
faça igual com a Magestade a Alteza ; e
com o nome de Reino he certo que se ex-
prime hum mando , em que o que foy Al-
teza se faz igual com a Magestade : e dir-
me-heis tambem , que o obsequio , e a ac-
çao , que tinhaõ feito estes Irmãos Infantes
àquelle Rey seu Irmaõ , era o terem-lhe
assistido nas suas calamidades , e miseras ;
na miseria , e calamidade de enfermo : *Infir-*
Matth.
25. 34. *mus fui, & visitastis me;* na miseria , e ca-
Ibid. 36. lamidade de prezo : *In carcere eram , &*
venistis ad me; e na miseria , e calamidade
Ibid. 35. de peregrino : *Hospes eram , & collegistis me.*

Como pois aquelles Irmãos Infantes ti-
nhaõ assistido a ElRey seu Irmaõ em tan-
tas calamidades , e miseras , eis-ahi porque
a cada hum naõ se havia de metter de posse
só de hum Principado , porque isso era por
meyo da morte passallo de Infante a Pri-
cipe , sem igualar com a Magestade a Al-
teza ; mas sim de posse de hum Reino , por-
que isto era elevallo de Infante a Rey , era
igualar a Alteza com a Magestade , com
a Magestade de Rey : *Tunc dicet Rex , a*
Alteza de Infante : Venite filii Patris mei ,
possidete paratum vobis Regnum.

Logo se a morte anticipou no premio
aos mais Infantes seus Irmãos ao Senho-
Infante , que Deos tem , naõ tem El Rey
noso Senhor que sentir algum ultraje , que
em a sua pessoa lhe fizesse a morte à So-
berania ; e assim desvanecida com a luz da
razaõ a conjectura do temor , assentemos
que naõ tem o noso temor razaõ para
conjecturar que será mais eficaz na perda
do Senhor D. Francisco a dor del Rey de
Portugal , do que o foy a mesma dor em a
perda de Jonathas seu Irmaõ naquelle Rey
de Israel ; e que assim como a dor naquelle
Rey de Israel naõ lhe tirou o ser David ,
assim tambem em o noso heroico Rey
naõ ha razaõ , para que receye o temor
que lhe tire o ser da vida , ainda que seja
taõ grande esta pena , que naõ lhe caben-
do em o coraçao , busque o seu desafogo
em a voz : *Doleo super te frater mi.*

SEGUNDO PONTO.

DOe-se , lastima-se , enternece-se Sua
Magestade na morte do Senhor Dom
Francisco , porque nesta morte perde hum
Principe valeroso , e hum Irmaõ alentado.

E não

E naõ ha nesta perda hum muito efficaz motivo , para que hum animo real finalmente padeça ; para que hum heroico Rey intensamente suspire ; e para que hum Augusto Monarca extremosamente se doa ? Sim ; antes digo que posta de huma parte a perda , que resulta a El Rey nosso Senhor da morte do Senhor Infante , em quanto Irmaõ Infante , e posta da outra parte a perda , que lhe resulta da morte deste Principe valente , em quanto valente , mayor sentimento lhe mereceo esta perda que aquella perda , esta morte que aquella morte , esta ruina que aquella ruina.

Deraõ noticia a El Rey David , como se disseramos a El Rey D. Joaõ , da morte do Infante Isboseth , e naõ mostrou grande sentimento nesta morte : *Quantò magis nunc, cùm homines impii interfecerunt in domo sua virum innoxium.* Daõ-lhe tambem a nova de que era morto o Principe Abner : *Princeps maximus cecidit hodie , e diz o Texto que sentio extremosamente esta nova : Plan gens Rex , ac lugens Abner ait : Nequaquam, ut mori solent ignavi , mortuus est Abner.* Mas se David em a noticia da morte de Isboseth via que perdia hum Irmaõ Infante , como filho

16
H/C

2. Reg.
4. 11.

Ibid. 2.
38.

Ibid. 2.
33.

filho de hum Rey , que em muitas occasiões tinha chamado ao mesmo David seu filho : *Revertere fili mi David: Benedictus tu fili mi David;* e em Abner perdia hum Principe , de quem naõ leyo que o tivesse nunca por Irmaõ , como David naquella morte mostra taõ pouca pena , e nestá perda verte tanta lagryma : *Plangens , ac lugens ait?* Direy. Em Isboseth naõ perdia David hum Infante valente , pois naõ consta que fosse valente Isboseth : *Non poterat respondere ei quidquam , quia metuebat illum;* e em Abner perdia hum Principe valeroso; pois do mesmo David consta que era valeroso Abner : *Nequaquam , ut mori solent ignavi , mortuus est Abner;* e para a estimacão de hum Rey , como hum David , ou para o apreço de hum Monarca , como El-Rey D. Joaõ , mais digna de sentimento ha a perda , que experimenta na morte de hum Principe , que he muito valente , do que na falta de hum Irmaõ , que naõ he valeroso : *Non poterat respondere ei quidquam : metuebat illum : Nequaquam , ut mori solent ignavi , mortuus est Abner.*

Deixando a applicaçao do Texto à perspicacia do meu auditorio , só resta sabermos

1. Reg.
26. 21.
Ibid. 26.
25.

2. Reg:
3. 11.

mos com que se prova que fosse valente o Senhor Infante, sendo assim que nem Marte o vio brandir no campo a lança, nem Bellona o vio no mar desembainhar a espada. Seria por ventura porque desafiando o touro mais sanhudo, e provocando o javali mais cerdosso, a este lhe troncava as prezas, e àquelle lhe torcia as pontas? Naõ era má prova esta para a sua valentia; pois querendo David provar o seu valor diante del Rey Saul, he certo que tomou por meyo termo da sua valentia tirar a vida a huma, e outra fera: *Leonem, & ursum interfeci ego.* Seria por ventura o tra-
 zer este Principe espada, quando qualquer outro Cortezaõ cingia espadim? Com o espadim o Cortezaõ todo França, e com a espada o Senhor D. Francisco todo Portugal? Tambem esta prova da sua valen-
 tia não era má prova: *En lectulus Salom-
 nis; quinquaginta fortes ambiunt omnes tenen-
 tes gladios ad bella doctissimi.* Olhay que
 não diz o Texto *gladiolos*, senão *gladios*; e assim sem sahirmos da sua espada, para prova da sua valentia, juntemos-lhe mais huma circunstancia.

i. Reg.
17. 36.

Cantic.
3. 7.

Querendo eu saber qual seria a ety-
molo-

mologia deste nome Francisco , consultey o Padre Cornejo em a primeira parte da sua Historia Serafica , e diz este eloquente Cornej. Padre na dita Historia , que a etymologia deste nome se acha em a lingua Franceza , e que nesta lingua o mesmo he Francisca , ou Francisco , que espada ; o que suposto , infiro assim : Logo o Senhor D. Francisco era hum Principe Portuguez , que trazia o seu nome na sua espada ? Ou hum Senhor Lusitano , que tinha a sua espada no seu nome ? Naõ se pôde negar. Logo , torno a inferir , se este Principe tivesse occasião de sahir a campo , naõ podiamos conjecturar que triunfaria de todos , e se faria Senhor de tudo ? Sim podiamos.

Jà sabeis que Christo por meyo da sua Cruz se fez Senhor de tudo , e triunfou de todos : *Cum exaltatus fuero à terra , omnia traham ad me ipsum.* Mas noto que este triunfo o attribuio a si este Principe , e Principe todo Lusitano , porque todo luz : *Ille erat lux hominum;* mais quando em o Calvario havia de ter a Cruz nos braços : *Cum exaltatus fuero ,* que quando em o Pretorio havia de levar sobre o hombro a mesma

Joann.
12. 32.

Vieir.na
part 12.
verb.
Lusitan.

Cruz : *Cum exaltatus fuero à terra , omnia traham ad me ipsum.* E pois se este Heroe Portuguez , e taõ Portuguez , que nas armas de Portugal tem as suas armas : *In hoc signo vinces* , era o mesmo , e a Cruz era a mesma , ou respeitando o Pretorio , trazen-
 Joann. do-a desde là em o hombro : *Bajulans sibi Crucem* , ou respeitando o Calvario , ten-
 19. 17. do-a alli em os braços : *Sicut Moyses exal- tavit serpentin in deserto , ita exaltari oportet filium hominis* , &c. como se attribue a
 Idem 3. 14. si os seus triunfos mais com a Cruz , res- peitando o Calvario , que respeitando o
 Pretorio ? Ora dizey-me : Que predicado , ou que nome deo à Cruz Simeão ? E quan-
 do se poz o nome deste Principe na Cruz ?
 O predicado , que Simeão deo à Cruz , foy
 Lue. 2. 35. o nome de espada : *Tuam ipsius animam pertransibit gladius* ; e quando na espada da
 Cruz se poz o nome deste Principe Lusi-
 tano , deste Heroe Portuguez , naõ foy no
 Matth. 27. 37. Pretorio , foy sim no Calvario : *Imposuerunt super caput ejus : Hic est JESUS.*

Como pois este Heroe Portuguez , este
 Joann. Senhor Lusitano : *Quandiu sum in mundo lux sum mundi : Tubal , id est , orbis* , tinha
 9. 5. Vieir. tom. 12. na espada o seu nome , ou tinha no seu nome

nome a sua espada : *Gladius est verbum Dei.* .
Invocatur nomen ejus verbum Dei, mais em o
Calvario que em o Pretorio , eis-ahi ao nos-
so intento o motivo , por que conjectura o
meu discurso , que havia de fazer-se Se-
nhor de todos, e triunfar de tudo o mais por
meyo da Cruz , ou da espada : *Tuam ipsius*
animam pertransibit gladius , respeitando o
Calvario que o Pretorio : *Cum exaltatus fuero*
à terra , omnia traham ad me ipsum. Logo
se o Senhor D. Francisco era hum Heroe
taõ valeroso , e alentado , sobre ser hum
Infante Irmaõ delRey nosso Senhor , com
muita razaõ pôde conjecturar o nosso re-
ceyo , que se requinte de tal sorte na perda
deste Irmaõ a dor delRey , que exceda sem
comparaçao a pena de David em a morte
do valeroso Principe Abner : *Plangens , ac*
lugens Rex ait.

Digo que naõ tem razaõ o temor para
o conjecturar assim , se suppuzermos que
naõ falta em o temor luz da razaõ ; e isto
por dous motivos : o pri neiro respeitando
o valor de Sua Magestade ; e o segundo o
nome de S. Alteza : o primeiro respeitan-
do o valor de S. Magestade , porque ou no
seu valor se contém o valor do Senhor D.

Apocal.
19. 13.

Francisco , ou para que Portugal alcance esta , ou aquella vitoria , como Deos nos conserve com vida a Sua Magestade , naõ nos ha de fazer falta S. Alteza.

Quiz Josué triunfar dos inimigos de Deos , que saõ os que tem por principaes inimigos Portugal , e para conseguir este troféo , pedio ao Sol , e à Lua , que paras-
 Jof. 10. sem em seu favor : *Sol contra Gabaon ne mo-*
 12. *vearis , & Luna contra vallem Aialon , e af-*
 sim o fizeraõ estes doux Planetas , porque
 Ibid. 13. em fim paráraõ em favor de Josué assim a
 Lua , como o Sol : *Steteruntque Sol , & Lu-*
na , donec ulciseretur se gens de inimicis suis ;
 mas dizendo o Sagrado Historiador , que
 este prodigo está escrito no livro dos juſ-
 tos : *Nonne scriptum est hoc in libro justorum?*
 quiz eu saber como estava escrito no tal
 livro este prodigo , e achey que o que es-
 tava escrito naõ era que parára o Sol , e a
 Lua , senaõ sómente o Sol : *Stetit itaque*
Sol in medio Cœli , e isto mesmo achey es-
crito no capitulo 46. do Ecclesiastico : An
non in iracundia ejus impeditus est Sol , &
una dies facta est quasi duo ? E pois se o que
 está escrito no capitulo 46. do Ecclesiasti-
 co , e o que está escrito no livro dos justos
 não

naõ he que parou o Sol , e a Lua , senaõ que parou sómente o Sol , como diz o Historiador Sagrado que este prodigo de parar o Sol , e a Lua , para que Josué conseguisse aquella vitoria , está escrito no livro dos justos , e no capitulo 46. do Ecclesiastico ? De duas huma , ou naquelle dia parou o Sol , e a Lua , ou parou sómente o Sol. Se parou o Sol , e a Lua , como Salamaõ naõ faz mençaõ da Lua , senaõ sómente do Sol : *Impeditus est Sol?* E se parou sómente o Sol : *Stetit itaque Sol,* como escreve o Sagrado Historiador que para se alcançar aquelle triunfo parára o Sol , e mais a Lua : *Steteruntque Sol , & Luna?*

Dizey-me , Senhores : Naõ temos nós já assentado que estes dous Planetas eraõ dous individuos Lusitanos , ambos irmãos , porque filhos do mesmo pay : *Fecit Deus luminare maius , ut præcesset diei , & lumenare minus , ut præcesset nocti?* Sim. Naõ temos dito tambem que o Planeta , e Lusitano mayor , a quem até em as finco letras do predicado *Maius* se lhe naõ pôde negar o distintivo de quinto , era hum Irmão , que sahio à luz primeiro que a Lua?

Tam-

Tambem já o temos dito. Naõ dissemos finalmente que a Lua , ou que o Planeta menor era aquelle Irmaõ do Sol , que logo depois delle sahio à luz ? Sim : tambem já o dissemos. Pois eis-ahi conciliado hum , e outro Texto , e solto ao intento o nosso reparo. Como em o Irmaõ mais velho , como em o Planeta mayor se inclue o valor do Irmaõ mais novo , o valor digo do Planeta menor , eis-ahi porque o mesmo foy dizer o Sagrado Historiador , ao que parece , que para se conseguir aquelle triunfo se poz da parte de Josué o Sol , e a Lua , do que dizer Salamaõ que se puzera da parte de Josué naõ a Lua , senaõ sómente o Sol ; porque para que hum Heroe triunfe , e vença , tendo da sua parte o Sol , he o mesmo que ter tambem a Lua ; ou tendo da sua parte o Planeta mayor , naõ faz falta o Planeta menor , aquelle menor Planeta digo , que sahio à luz logo depois que nasceo o Planeta mayor : *Luminare maius, ut præcesset diei, luminare minus, ut præcesset nocti : Steteruntque Sol, & Luna: Stetit itaque Sol.*

Este he o duplicado fundamento para naõ se senti com tanto extremo a falta do

Senhor D. Francisco , ou porque no Sol da Lusitania se contém a luz do Planeta menor de Portugal , ou porque para os triunfos de Portugal , deixando-nos Deos em El Rey o Planeta mayor , naõ nos faz falta em o Senhor D. Francisco o Planeta menor , isto he , aquelle grande Planeta , que sahio à luz do mundo logo depois do Sol , logo depois de sahir à luz o nosso mayor Lusitano , em fim a nossa luz mayor : *Luminare maius , ut præcesset diei , luminare minus , ut præcesset nocti : Steteruntque Sol , & Luna : Stetit itaque Sol.*

Tambem por parte do nome do Senhor D. Francisco , que he a segunda parte do nosso systema , deve moderar El Rey o seu sentimento. E porque ? Porque sendo o nome do Senhor D. Francisco taõ respeitado em a sua vida , ainda depois da sua morte ha de ser mais respeitado ; e a razaõ he , porque em quanto vivo he sem controvèrsia que o nome do Senhor Dom Francisco era nome de hum Principe Lusitano , que estava no estado de mortal ; e depois de morto he nome de hum Senhor Portuguez , que já está no estado de immortal ; e muito mais venerado , temido , e respeitado
he

he o nome de hum Principe Portuguez
deste , que naquelle estado.

Tornemos ao nome de JESUS , pois só
Ex Ec- a doçura , e suavidade deste nome : *Sicut
cles.* *mel dulce*, nos pôde adoçar , e suavizar a a-
Ibidem. margura deste dia : *Dies magna, & amara
valde*. Em duas occasiões foy communicado a Christo o nome de JESUS : huma antes da morte em a Circuncisaõ , como refere S. Lucas : *Vocatum est nomen ejus JESUS, quod vocatum est ab Angelo priusquam conciperetur* ; e outra depois da morte da Cruz , como insinua Saõ Paulo : *Usque ad mortem, mortem autem Crucis; propter quod Deus exaltavit illum, & dedit illi nomen, quod est super omne nomen, ut in nomine JESU omne genu flectatur*. Noto porém , que do nome de JESUS , comunicado a Christo em a Circuncisaõ , naõ diz S. Lucas que tudo se lhe ha de prostrar , render , e subordinar : *Vocatum est nomen ejus JESUS*; e do mesmo nome depois da Cruz diz S. Paulo que tudo se lhe ha de subordinar , render , e prostrar : *Ut in nomine JESU omne genu flectatur*. Mas se o nome he o mesmo , e se o nomeado he tambem o mesmo ; se o nomeado sempre he hum
Luc. 2.
21.
D.Paul.
ad Filip.
2. v. 10.

Principe taõ Lusitano , que he todo luz :
Ille erat lux hominum : Lux sum mundi : Lu-
mén de lumine , e sempre era hum Senhor
taõ Portuguez , que as suas armas saõ as
mesmas de Portugal : In hoc signo vinces ,
como naõ se lhe ha de attribuir este ren-
dimento , este triunfo , e esta veneraçao ,
respeitando-o na Circuncisaõ , e como con-
siderado em Christo depois da morte se lhe
ha de attribuir : Mortem autem Crucis , prop-
ter quod ?

Dou ao intento a diversa razaõ. Olhay,
Senhores , em a Circuncisaõ o nome deste
Heroe Lusitano respeitava-o no estado de
mortal , porque ainda depois da Circunci-
saõ havia de morrer este Heroe ; e depois
da morte da Cruz respeitava a este Princi-
pe Portuguez no estado de immortal , por-
que já depois da morte naõ havia de mor-
rer este Principe ; e eis-ahi ao intento por-
que conjectura a minha especulaçao , que
mais respeitado havia de ser o seu nome
depois da morte em a Cruz , que antes da
morte em a Circuncisaõ : *Mortem autem*
Crucis , propter quod Deus exaltavit illum ,
ut in nomine JESU omne genuflectatur. Lo-
go de primo ad ultimum se ElR y N. Se-

nhor em a morte do Senhor D. Francisco ou tem em si o valor de seu Irmaõ no seu valor, ou vê que o nome deste Senhor se- rá mais temido, e venerado em o Mundo, quando o suppõe morto, que quando o respeitava vivo, bem se vê que nesta mor- te naõ tem a dor muita razaõ, para que seja mais efficaz em El Rey de Portugal do que o foy naquelle Rey de Israel; e se na- quelle Rey naõ lhe tirou o ser David, tam- bem em o nosso Monarca a pezar do nosso temor ha de querer o Ceo que naõ lhe ti- re o ser da vida por mais que seja taõ gran- de a sua pena nesta morte, que naõ lhe cabendo n'alma, se lhe exprima pela lin- gua: *Doleo super te frater mi.*

TERCEIRO PONTO.

T Astima-se, doe-se, afflige-se finalmen- te o Senhor D. Joaõ na morte do Se- nhor Dom Francisco, porque nesta morte lhe falta hum Irmaõ amigo; e sem duvi- da parece que deve Sua Magestade corres- ponder com huma singular pena a esta per- da, que a julgo tambem singular; pois se lançares bem os olhos por essas Historias, assim

assim Sagradas , como profanas , achareis em humas , e outras Historias , que raras vezes saõ irmãos em o amor , os que saõ irmãos em o sangue , especialmente sendo pessoas Reaes esles Irmãos. Se lerdes as Historias Sagradas , achareis que para hum Abel naõ faltou hum Caim , para hum Jacob naõ faltou hum Esaú , para hum Amon naõ faltou hum Absalaõ , e atè para hum Adonias hum Salamaõ naõ faltou ; e se descerdes às Historias profanas , achareis que hum Aristobolo foy o Caim de hum Antigono , hum Anio foy o Caim de hum Berofo , hum Tifon foy o Caim de hum Osiris , hum Dardanio foy o Caim de hum Jasio , hum Eleno foy o Caim de hum Chaaonio ; e finalmente se revolveres as Historias de Hespanha , e Catalunha , Roxas vos dirá em a de Catalunha , que naõ faltou para hum Ramon hum Berenger ; e Marianna vos dirá em as de Hespanha , que naõ faltou hum Infante D. Henrique para hum Rey D. Pedro , sendo este Irmaõ , ainda que o morto tanto mais cruel que o outro Irmaõ , ainda que o matador , que delle , como refere o Author da Arte de Engenho , cantou , ou chorou assim hum

Ravis.
Text. in
officin.

Roxas.

Marian.

antigo Cisne , ainda que com paixaõ de Henriqueho :

Gracian
na Arte
de En-
genho.

*Reñieron los dos hermanos ,
Y de tal suerte reñieron ,
Que fuera Cain el vivo ,
A nò haverlo sido el muerto.*

Sendo pois isto assim , vede se tem muito efficaz motivo para hum singular sentimento na morte do Senhor D. Francisco El Rey nosso Senhor. Apertemos mais este ponto, para que se justifique melhor a grandeza do sentimento , regulada pela exorbitancia do motivo. He a amizade , como todos sabeis , essencialmente redamaçao ; e assim amando o Senhor D. Francisco a El Rey seu Irmaõ em quanto vivo , claro está que ha de ser amado por El Rey depois de morto , ainda que David em as clausulas , que se seguem ao nosso thema , parece que naquelle *Diligebam* naõ conceda que hum Irmaõ morto haja de ser Irmaõ amado : *Sicut mater unicum amat filium , ita ego te diligebam : diligebam* diz , e naõ *diligo*. Mas desta reciproca uniaõ fraternal se segue huma consequencia muito pouco feliz; porque assim como do Senhor D. Francisco , amando a seu Irmaõ El Rey em quanto

2. Reg.
1. 26.

to

23
410

to vivo , podiamos dizer que vivia com a sua vida , amando agora ElRey ao Senhor D. Francisco depois de morto , que have- mos de dizer delRey ? Que morre com a sua morte.

Depois que para passar a Arca do Tes- tamento pelo rio Jordaõ se dividio em dou- s aquelle rio , noto que a parte , que correo para o mar morto , e se juntou com aquel- le mar , naõ a chama o Profeta Rey rio Jordaõ , senaõ mar morto ; naõ lhe chama rio , senaõ mar : *Quid est tibi mare , quòd fugisti?* Assim he. Mas se o rio Jordaõ naõ he mar , senaõ rio , como a parte deste rio , que correo , e se unio ao mar morto , naõ se chama Jordaõ , senaõ mar : *Quid est tibi mare?* Direy. O mar morto não foy o que buscou , e se unio ao rio ; o rio he que bus- cou , e se unio ao mar morto : o mar mor- to não buscou , nem se unio ao rio , por- que para o rio não tinhão já quéda , nem inclinação as suas aguas ; o rio he que se unio ao mar morto , porque para o mar morto he que tinhão inclinação , e quéda as suas correntes ; e eis-ahi porque não se diz rio Jordão o mar morto , e se diz mar morto o rio Jordão : *Quid est tibi mare , quòd fugisti?*

Psalm.
11. 3. 5.

Espe-

Esperay. Este nome Jordaõ he anagramma , e cuido que puro del Rey D. Joaõ : na primeira , e ultima syllaba he certo que este rio de juizo : *Fluvius judicij* , tem , e contém o nome de Joaõ ; e nas duas letras *R*, e *D* , que o mesmo nome de Jordaõ tem , e contém em si , no *R* , já se vê que tem huma letra , que ainda per si só significa Rey ; e senão , diga-o a terceira letra do titulo da Cruz ; e no *D* , já se vê tambem que tem outra letra , que explica Dom ; pois regularmente quem tem Dom , o explica , e sinala sem mais letra que hum *D*. Agora ao nosso ponto. Fugindo de si mesmo o rio Jordaõ , o rio do juizo , em sim El Rey D. Joaõ para o mar morto , isto he , para o Senhor D. Francisco , morto , porque reduzido a cinzas , e mar , porque centro de amarguras , que ha de presumir o nosso temor desta uniaõ entre o mar morto , e o Jordaõ ? Que o mar morto não se diga rio do juizo , que o mar morto não se diga Jordaõ ; mas sim que o rio de juizo se diga mar morto , em sim que se diga D. Francisco morto , El Rey Dom Joaõ , a quem sempre queremos vivo : *Quid est tibi mare , quid fugisti?*

Logo com muita razaõ pôde conjecturar o nosso temor. Sim. Mas que pôde conjecturar? Que morre temporalmente El-Rey? Não. Que vive eternamente? Sim. Olhay, Senhores, o amor dos Irmãos, e de taes Irmãos, não he união de extremos corporeos, he sim vinculo de extremos espirituas; não os une em quanto ao corpo, que he corruptivel, mas sim em quanto à alma, que he immortal: diga-o Jonathas, e David, aquelle Infante, e este Rey: *Conglutinata est anima Jonathæ animæ David;* e sendo assim, claro está que se o Senhor Infante em quanto vivo vivia com a alma delRey, por ser o amante delRey o Senhor Infante, assim tambem ElRey, depois do Senhor Infante estar morto, ha de viver com a vida do Senhor Infante, por ser o seu amante ElRey: *Anima plus est, ubi amat,* *quam ubi animat;* e sendo pois isto assim, he sem duvida que assim como o Senhor Infante, amando a ElRey, vivia com a vida delRey huma vida temporal, assim tambem ElRey, vivendo agora com a vida do Senhor Infante, ha de viver huma vida eterna. E queixar-se-ha ainda da morte hum, e outro Irmão? Não; porque El-Rey

1. Reg.
18. 1.

Rey no affecto , e o Senhor Infante no efecto estão já vivendo na eternidade o que havião de viver em tempo ; e nesta melhora de duração o pezar da morte não deve ser pezar , mas prazer ; o sentimento da morte não ha de ser sentimento , senão gosto.

Joann.
14. 14.
Matth.
28. 10.

Joann.
11. 14.
15.

Ibid. 34.

Chrys.

Derão noticia ao Rey dos Reys da morte de seu amigo , ou Irmão Lazaro , pois he certo que este Senhor àquelle , que he seu amigo : *Vos amici mei estis* , trata , e estimia por seu Irmão : *Nunciate fratribus meis* ; e mostrou este Monarca que levava em gosto esta noticia : *Lazarus mortuus est* , & gaudeo . Resolve-se a resuscitar este seu Irmão , e amigo , e mostra sentimento : *Lacrymatus est JESUS* . E pois que he isto , meu Senhor , e meu Rey ? Quando vos resolvéis a resuscitar hum amigo , mostrais sentimento ; e quando vedes a este Irmão morto , mostrais gosto ? Já S. Pedro Chrysologo fez este reparo : *De quo gaudet mortuo , ipsum , cum resuscitat , tunc lamentatur* . Sim ; quando Christo se resolve a resuscitar a Lazaro , vê que neste seu Irmão , e amigo se lhe acrescenta em o tempo aquella duração , qre havia de ter na eternidade ; e quan-

quando vê morto a este Principe , a este Senhor de Bethania , vê que se lhe accrescenta na eternidade aquella duraçāo , que havia de ter , ou podia lograr em o tempo ; e ver hum Rey que hum seu amigo , ou Irmaō está gozando na eternidade aquella duraçāo , que havia , ou que podia ter em o tempo , isto naõ he objecto de pezar , senaõ de prazer : *Lazarus mortuus est , & gaudeo* : pelo contrario ver hum Rey que hum seu Irmaō , ou amigo haja de accrescentar ao tempo aquella duraçāo , que havia de gozar na eternidade , isto naõ he motivo de prazer , senaõ de pezar : *Lazarus mortuus est , & gaudeo* : *Lachrymatus est JESUS*. Logo se S. Magestade está vendo em si , e em seu Irmaō , que huma , e outra alma , que huma , e outra vida , a sua em o affeçāo , e a de seu Regio Irmaō em o effeito estaõ por meyo da morte gozando na eternidade aquella duraçāo , que haviaõ de ter , ou podiaõ ter em o tempo , que se segue daqui ? Que desta morte lhe ha de resultar prazer , ou pezar ; pezar não , prazer sim : *Lazarus mortuus est , & gaudeo*.

Senhor , eu não pertendo por lisonja da inteireza da Magestade , como finge a

Saavedr.
na em-
preza
*Siempre
el mismo*

razão , ou a sem razão da politica , que não hajão em vós aquelles affectos , e effei-
tos da natureza , que por parte do sangue ,
e do amor pede a irmandade ; mas sim o
que desejo só he , que na morte de vosso
Regio Irmão não seja a dor nesse Rey de
Portugal mais executiva , do que o foy na-
quelle Rey de Israel ; e assim se àquelle Rey
de Israel lhe não tirou o ser David , ou o
ser da vida a morte de seu Irmão Jonathas ,
assim tambem , Senhor , não quero que a
morte de vosso Irmão nem ainda levemen-
te vos ameace a vida , por mais que nesta
morte sinta , como El Rey David , esse He-
roico , e Magnanimo Rey a perda de hum
Irmão Infante , e primeiro Infante : *Tu reg-
nabis in Israel , & ego ero tibi secundus* ; a
perda de hum Irmão valeroso , e mais que
valeroso : *Saul , & Jonathas .. leonibus for-
tiores* ; a perda finalmente de hum Irmão
amigo , e cordealmente amigo : *Dilexit eum
Jonathas quasi animam suam : Doleo super
te frater mi.*

Real , Religioso , e sentido Convento
de Thomar , muito bem sabes que quanto
tenho dito nesta Oração a El Rey nosso Se-
nhor , te Grão Mestre , tambem a ti o te-
nho

nho dito ; pois a mesma perda , que sente S. Magestade na morte do Senhor Infante, sentes tambem tu em a sua morte : na morte do Senhor Infante sente S. Magestade a perda de hum Irmão amigo ; e tu em a morte do mesmo Senhor não sentes a mesma perda ? Sim sentes ; porque o Senhor Infante era teu amigo , e teu Irmão ; teu Irmão , porque a Sagrada Māy , que em final da sua filiação lhe poz o habito de Christo em o peito , he a mesma , que em o teu peito tem posto , gravado , e impresso o mesmo habito ; e teu amigo , pois te he evidente , que este Senhor sentia em algum tempo tanto a tua ruina , quanto ao presente estimava a tua melhora ; e se hum amor com outro amor se paga : *Si vis ama-* August.
ri, ama, fio eu da benevolencia do teu animo , e da obrigação , em que te poz este Principe , que assim como em vida foy este Senhor o teu amante , assim depois da morte não deixará de ser o teu amado , e muitas vezes amado , huma em quanto ao corpo , e outra em quanto à alma ; teu amado em quanto ao corpo , venerando-lhe as cinzas , como reliquias da Magestade , para o seu culto , e como memoria da cadu-

quez para o teu desengano ; o teu amado em quanto à alma , querendo , e crendo a tua pia affeiçāo , assim por parte dos teus sacrificios , como por parte dos seus merecimentos , que este Senhor à vista de Deos está já descansando naquella patria , onde não ha terra ; naquella luz , onde não ha sombra ; naquella armonia , onde não ha dissonancia ; naquelle Paraiso , onde não ha serpente ; naquella suavidade , onde não ha amargura ; naquelle dia , onde não ha noite ; naquella duração , onde não ha tempo ; naquella milicia , onde não ha guerra ; em fim querendo , e crendo que o Senhor D. Francisco está já descansando com Deos naquelle Reino , naquella Cidade , e naquelle Corte , onde o não he não , onde o sim he sim , e onde a paz he paz , e onde mors ultra non erit , neque luctus , neque clamor , neque dolor erit ultra , quia prima abierunt. Amen.

Matth.
5. 37.
Jacob.
5. 12.
Apocal.
21. 4.

Faculdade de Filosofia
Ciências e Letras
Biblioteca Central

F I M.

Nº Reg. 2552

2552